



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

FRANCISCO VINÍCIUS FERREIRA GOMES

**PROMOÇÃO DE ESPAÇOS DE CONSCIENTIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO
SOBRE O BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um relato de experiência.**

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

FRANCISCO VINÍCIUS FERREIRA GOMES

**PROMOÇÃO DE ESPAÇOS DE CONSCIENTIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO
SOBRE O BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um relato de experiência.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Andréa Xavier de Albuquerque de Souza

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633p Gomes, Francisco Vinícius Ferreira.

Promoção de espaços de conscientização e sensibilização sobre o bullying no ensino fundamental [manuscrito] : Um relato de experiência / Francisco Vinicius Ferreira Gomes. - 2017.

36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Andréa Xavier de Albuquerque de Souza, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Bullying escolar. 2. Psicologia escolar. 3. Violência escolar. 4. Atuação do psicólogo.

21. ed. CDD 371.782

FRANCISCO VINICIUS FERREIRA GOMES

PROMOÇÃO DE ESPAÇOS DE CONSCIENTIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O
BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um relato de experiência.

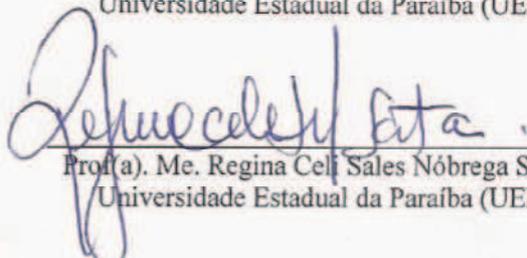
Artigo apresentado ao Departamento de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

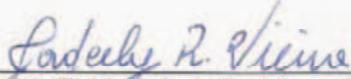
Área de concentração: Psicologia Clínica.

Aprovado em: 07/12/2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof(a). Dr(a). Andréa Xavier de Albuquerque de Souza (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof(a). Me. Regina Celi Sales Nóbrega Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof(a). Dr(a). Jadcely Rodrigues Vieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos que acreditaram neste projeto, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, tendência atualizante do universo, pelo dom da vida e por me permitir buscar e agir em direção à realização de todos os meus potenciais.

Aos meus pais Vicente e Luiza pelo amor, incentivo e apoio incondicional no decorrer da minha vida. Amo vocês!

Aos meus irmãos Victor e Virgílio pelos os momentos de ausência e por me incentivarem a continuar acreditando neste sonho.

Aos meus familiares por me estimularem a continuar trilhando na jornada acadêmica.

Aos meus amigos Bruno Cunha, Bruno Mota, José Neto Lacerda e Anne Cristinne, pelo incentivo e amizade incondicional ao longo da minha vida.

Ao amigo Nadiel Cavalcante pela amizade e por me incentivar e inspirar a trilhar na vida acadêmica.

Aos colegas Janílson Mendes, Sâmela Duarte, Really Fernanda, Daniela Pereira e Tâmara Deles, pela parceria nas atividades acadêmicas e extraclases, pela amizade e companheirismo ao longo destes anos na Psicologia.

A minha orientadora Andrea Xavier pela a orientação, por todos os ensinamentos compartilhados, incentivo e oportunidades proporcionadas ao longo da minha formação.

A professora Railda Alves, pela a amizade e por ter me possibilitado vivenciar a psicologia no contexto da psicologia da Saúde.

Aos demais professores do curso de Psicologia, pelo empenho, dedicação e por todos os conhecimentos compartilhados.

A Universidade Estadual da Paraíba, especialmente os profissionais do Departamento de Psicologia e da Clínica Escola de Psicologia, pelo suporte necessário a minha permanência ao longo de todo o curso

E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação! Gratidão!

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracterize” Boaventura Souza Santo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	10
3 O BULLYING.....	12
4 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AO BULLYING	15
5 AÇÕES INTERVENTIVAS SOBRE O BULLYING.	19
5.1 Repensando o Bullying – Recorte Intervenção (01).....	19
5.2 Repensando o Bullying – Recorte Intervenção (02).....	22
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
<u>REFERÊNCIAS</u>	32

PROMOÇÃO DE ESPAÇOS DE CONSCIENTIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um relato de experiência

Francisco Vinicius Ferreira Gomes*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compartilhar a experiência e o aprendizado adquirido em um projeto de Extensão universitária, em Psicologia Escolar/Educacional, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba – PROEX-UEPB. As ações extensionistas, cujo foco foi à temática Bullying, foram realizadas em uma escola Pública Municipal da Cidade de Campina Grande-PB e tiveram como público alvo os discentes que cursavam o ensino fundamental. Durante a vigência deste projeto, buscou-se promover reflexões, re(significações) e a construção de saberes sobre o bullying a partir da utilização de diferentes intervenções e metodologias, tais como: jogos lúdicos; clipes musicais; vídeos; montagem de painel; rodas de conversa; contação e produção de histórias; figuras e técnicas de dinâmica grupal. Assim sendo, a partir da análise dos relatórios e dos diários de campo elaborados no decorrer do projeto, buscou-se tecer reflexões sobre o Bullying e os seus múltiplos aspectos no universo escolar atendido no projeto, tendo como base as ações extensionistas. Ao final, destacamos a importância da realização de um trabalho sistematizado de conscientização e sensibilização sobre as consequências do bullying com todos os agentes escolares, que também envolva a família e a comunidade, tendo em vista que estas são respaldadas na lei anti-bullying.

Palavras-Chave: Bullying Escolar, Psicologia Escolar, Violência Escolar, Atuação do Psicólogo.

1 INTRODUÇÃO

Para produzir conhecimentos científicos que sejam capazes de oferecer uma formação acadêmica integrada ao aluno e formar cidadãos conscientes e críticos, a educação superior tem como base as modalidades de Ensino, Pesquisa e Extensão. A extensão possibilita ao educando vivenciar experiências significativas, bem como possibilita a este tecer reflexões acerca da realidade na qual ele estará inserido. Além disso, com base nas vivências e nos conhecimentos produzidos, torna-se possível um processo formativo comprometido com as

* Aluno de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: viniciusfergomes@hotmail.com

necessidades nacionais, regionais e locais, considerando-se a realidade brasileira (SARAIVA,2007).

A escola vem servindo de cenário para casos de violência, inclusive nas relações interpessoais, as quais podem causar efeitos negativos tanto na dimensão individual quanto na dimensão social (SANTOS; KIENEN, 2014). Dentre os tipos de violência escolar que ocorre entre os discentes, o mais recorrente é o bullying, fenômeno presente em grande parte das escolas (públicas ou privadas) do mundo (MALTA et al., 2014).

O termo bullying faz referência a atos intencionais e repetitivos de agressão – de diferentes formas – protagonizados por um (ou mais) aluno (s) contra outro (s), sem nenhuma razão aparente, em uma relação interpessoal marcada pelo desequilíbrio de poder (LOPES NETO, 2005; FREIRE; AIRES, 2012; MALTA et al., 2014; SANTOS; KIENEN, 2014; SAMPAIO et al., 2015).

No Brasil, em 6 de novembro de 2015, foi sancionada a Lei nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) com a finalidade de prevenir e combater o bullying nas escolas e na sociedade em geral. Dessa maneira, determinou-se, dentre outras ações, a capacitação de professores e equipes pedagógicas para discutir, prevenir e solucionar o problema, assim como a realização de campanhas educativas para informar e orientar sobre o fenômeno. O artigo 5º da lei da referida lei determina que escolas, clubes e agremiações recreativas devem elaborar estratégias de diagnose, prevenção, conscientização e enfrentamento da chamada intimidação sistemática (BRASIL, 2015).

Diante da elevada taxa de ocorrência de casos de bullying nas escolas e considerando seus efeitos negativos para o desenvolvimento cognitivo, psicológico, socioeducacional e para a saúde (física e mental) dos envolvidos, o referido fenômeno foi tomado como um dos temas de trabalho em um projeto de extensão universitária, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba (PROEX/UEPB), intitulado: “Psicologia Educacional na Perspectiva Crítica: Oportunizando Espaço para a Reflexão, Resignificação e Elaboração de Sentidos na Escola”. De modo geral, o mesmo teve como objetivo oferecer espaços para a reflexão e a resignificação das concepções e práticas que permeiam o cotidiano escolar,

Assim sendo, este artigo consiste em um relato de experiência que tem como objetivo compartilhar o aprendizado e sobre as ações que versaram especificamente sobre a temática bullying ao longo do referido projeto de Extensão. E a partir dos relatórios e diários de campo elaborados durante a vigência do mesmo, pretende-se tecer reflexões este tipo de intimidação sistemática e os seus múltiplos aspectos no universo escolar atendido.

A equipe do citado projeto foi composta por três graduandos em Psicologia e uma professora* do Departamento de Psicologia da UEPB que coordenava e orientava as atividades teóricas e práticas. As ações sobre o bullying foram nomeadas de “Repensando o Bullying” e aconteceram no período de 2015 a 2016 em uma escola municipal de Campina Grande-PB e teve como público-alvo alunos das turmas do 2º ao 4º ano (manhã) e do 2º ao 5º ano (tarde), contando com a participação de 95 estudantes ao total, com faixa-etária entre 7 e 12 anos. Ressalta-se que estas ações do projeto tiveram o aval da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de Campina Grande-PB e foi devidamente consentido pela gestão da escola.

Antes da execução de cada atividade extensionista, realizava-se uma visita à escola com o propósito de divulgar sobre o conteúdo da intervenção a ser desenvolvida, bem como a data e o horário da mesma. Destaca-se que as intervenções ocorreram quinzenalmente, com duração aproximada de sessenta minutos e foram realizadas a partir da utilização de recursos educativos e, ao mesmo tempo, lúdicos, a fim de despertar a atenção e o interesse dos discentes, tais como: jogo da forca; palavras cruzadas; diagrama; caça-palavras; clipes musicais; vídeos; montagem de painel; rodas de conversa; contação e produção de histórias; figuras e técnicas de dinâmica grupal. Todos esses artifícios auxiliavam a equipe extensionista a informar, sensibilizar, conscientizar e orientar os educandos a respeito dos aspectos que compreendem o tema trabalhado. Vale ressaltar que as intervenções eram adaptadas conforme a faixa-etária dos alunos de cada classe.

As dimensões práticas e teóricas de todas as ações realizadas durante a vigência do projeto se embasaram nos pressupostos da Psicologia Escolar Educacional Crítica (MEIRA, 2003; 2012; GUZZO, 2005; MARINHO-ARAÚJO & ALMEIDA, 2010) e na Psicologia Histórico Cultural inaugurada por Vygotsky (1932/1996; 1984/2007).

Conforme Bock et al (2001) a psicologia sócio histórica, tem como fundamento a psicologia histórico-cultural de Vygotsky e apresenta-se como uma forma de superar a dicotomia que separa o fenômeno psicológico da realidade histórica, social, econômica e cultural que o circunda. Como tal, busca, sempre a partir da crítica, entender as relações entre os diversos fenômenos. Portanto, o sentido de lançar mão destes aspectos, de acordo com esta autora, configura-se enquanto uma tentativa de buscar entender a própria sociedade, uma vez que “a compreensão do mundo interno exige a compreensão do mundo externo, pois são dois

* Profª Drª Andréa Xavier A. de Souza – Coordenadora e orientadora do Projeto de extensão.
E-mail: andrexavi@hotmail.com

aspectos de um mesmo movimento [...] propicia os elementos para a constituição psicológica do homem” (p.22).

Por sua vez, a proposta de uma perspectiva crítica em Psicologia Escolar e Educacional implica em novas formas de compreender o universo escolar, tomando-o a partir de um olhar ético e político que entenda como a lógica capitalista afeta as políticas públicas, as relações interpessoais e o cotidiano educacional como um todo (NASCIUTTI; SILVA, 2014)

Meira (2012) destaca que uma Psicologia educacional/escolar crítica pode se definir pelos seguintes elementos: reflexão construída a partir de uma lógica dialética, busca compreender os fenômenos em sua complexidade; crítica do conhecimento, revelando os compromissos e interesses ideológicos presentes nas teorias científicas e suas implicações para a realidade; denúncia da desigualdade social, da alienação e da exploração entre os indivíduos, sugerindo que a ciência precisa colaborar com o processo de transformação da sociedade.

Portanto, partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva crítica da psicologia educacional e a perspectiva sócio histórica de Vygotsky, como já elencados anteriormente, o projeto colaborou para a reflexão, por parte dos discentes, sobre a importância da escola em suas vidas, bem como sobre temáticas que perpassam o universo escolar, tais como a do bullying.

Sendo assim, frente a real necessidade de ampliação de ações educativas voltadas para a prevenção, conscientização e enfrentamento do bullying, as ações extensionistas realizadas ao longo do projeto foi justificado com base na importância de trabalhar as concepções dos alunos acerca de problemática, possibilitando aos discentes e demais atores escolares assumirem posturas reflexivas crítica diante deste tipo de violência escolar.

2 A VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência no contexto escolar configura-se como sendo uma problemática que provoca graves consequências sociais (GUZZO, 2001). Os estudos sobre a ocorrência desse fenômeno e sua prevalência no contexto escolar são recorrentes em muitos países do mundo, inclusive no Brasil. Estes trabalhos, colocam a violência como um fenômeno que ameaça a função social da escola, e que conseqüentemente, interfere na socialização das novas gerações: o que se percebe é a instituição escolar também, enquanto um espaço de explosão de conflitos sociais e a escola enquanto produtora, e reprodutora de violências (SANTOS, 2009).

Por sua vez, este não é historicamente um fenômeno recente. No entanto, na contemporaneidade, adquire novas configurações, assinaladas, sobretudo, pela gravidade e constância com que ocorrem, pois causam forte angústia social, que impõem dificuldades de fácil operacionalização a sua resolutividade (CHARLOT,2002).

Os muitos casos, noticiados diariamente, que chocam a sociedade quotidianamente, acabam por desestruturar as representações sociais da infância (enquanto lugar da inocência), e, sobretudo, da escola, como refúgio de paz e a da própria sociedade, pacificada no regime democrático. Os casos de violência escolar são fenômenos heterogêneos, e por isso, tornar-se difíceis de delimitar e de ordenar (ABRAMOVAY, 2002).

Deste modo, Priotto; Boneti (2009) consideram a violência escolar como qualquer ação de violência, comportamento agressivo e antissocial, conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, perpetuados por, e entre discentes, professores, gestores, equipe pedagógica, familiares e pessoas estranhas à escola, no domínio da escola.

Por sua vez, Charlot (2002) assinala a importância de efetuarmos uma distinção conceitual deste fenômeno, que, de acordo com o referido autor, pode ser distinguida em três conceitos específicos, sendo eles: violência à escola, violência da escola e violência na escola. Para este teórico, a violência na escola seria aquela que se produz e reproduz no espaço escolar, sem estar relacionada à natureza e às atividades da instituição escolar. Quanto a violência à escola, a mesma está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, seria uma violência contra à escola (atos de violência cometidos contra a escola, a exemplo, temos situações de vandalismo). Por outro lado, a violência da escola é uma violência institucional, simbólica, exercida através da maneira como a instituição e seus agentes agem com relação ao alunado.

Corroborando com este debate, Abramovay (2002) e Boneti; Priotto (2009) afirmam que violência escolar pode ocorrer de diferentes formas: através da violência física, da violência simbólica e da violência verbal. A violência física pode ser caracterizada como sendo uma ação em que um indivíduo ou grupo age contra a integridade do outro ou de um grupo e também quando age contra si mesmo. A violência simbólica seria a ação verbal-institucional, baseada no abuso do poder e autoritarismo, por meio de normas e regras estabelecidas sem meios democráticos. Por sua vez, a violência verbal seriam os desacatos, humilhações, despendidas a outro indivíduo ou a um grupo de indivíduos, através de palavras grosseiras e intimidações.

No tocante a violência escolar, o bullying se destaca, como um tipo de violência que tem despertado a atenção de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e ganhado notoriedade nos holofotes da mídia. O mesmo não se restringe somente ao ambiente escolar, podendo ocorrer também em ambientes de trabalho, comunidades, etc. Trata-se de um fenômeno frequente onde as relações humanas se tornam coletivas e grupais (ANDRADE, 2014).

De acordo com Carvalhosa, (2007) é na instituição escolar que o bullying tem repercutido de forma mais manifesta, acarretando consequências a curto, médio e longo prazo e intervindo no desenvolvimento dos discentes, sejam elas vítimas ou agressoras ou expectadores. Portanto, este é um fenômeno que merece, ser estudado com a devida atenção, cuidado e afínco.

3 O BULLYING

O termo “bullying” é originário da palavra inglesa “bully” que significa “tirano” ou “valentão”. Deste modo, quando menciona-se o termo bullying, estamos nos referindo a comportamentos de intimidação, tiranização, isolamento, agressão, ameaças e insultos direcionados a um indivíduo ou grupo. Na tradução da língua portuguesa não é conhecido um termo que envolva toda a complexidade do conceito científico do fenômeno. Por isso, alguns estudiosos desta temática, usam termos como intimidação, maus-tratos e vitimização, concomitantemente ao termo bullying (FANTE; PEDRA,2008).

Pioneiramente, OLWEUS (1999) caracterizou o bullying como sendo definido por um conjunto de agressões intencionais e repetitivas, regulares ao longo de um tempo, praticado por um indivíduo ou por um conjunto destes, ocasionando repercussões físicas ou emocionais, que ocorre sobre uma relação assimétrica de poder.

Posteriormente Martínez (2006, p.82) se refere ao bullying como sendo “à intimidação e o maltrato entre escolares de forma repetida e mantida no tempo, sempre longe dos olhares dos adultos, com a intenção de humilhar e submeter abusivamente uma vítima indefesa”.

Neto (2005) define o bullying, como um conjugado de atos agressivos, físicos ou psicológicos, que ocorrem entre alunos sem uma motivação manifesta e de forma repetida, de maneira que um grupo de alunos, ou um aluno com mais força, vitimiza o outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender

Desse modo, é recorrente na literatura especializada sobre o tema, definir o mesmo como sendo o conjunto de atos intencionais e repetitivos de agressão – de diferentes formas –

protagonizados por um (ou mais) aluno (s) contra outro (s), sem nenhuma razão aparente, em uma relação interpessoal marcada pelo desequilíbrio de poder (LOPES NETO, 2005; FREIRE; AIRES, 2012; MALTA et al., 2014; SANTOS; KIENEN, 2014; SAMPAIO et al., 2015).

Sobre os seus aspectos objetivos, Trautmann (2008) destaca que geralmente os comportamentos de bullying acontecem com recorrência no pátio da escola, devido, este ser um espaço sem a vigilância e supervisão direta de um adulto. No entanto, destaca o mesmo autor, que o bullying também pode acontecer na sala de aula com ou sem a presença do professor.

Conforme as ações praticadas pelo agressor, o bullying pode ser classificado em oito tipos diferentes, são eles: 1) verbal, 2) moral, 3) sexual, 4) social, 5) psicológico, 6) físico, 7) material, ou 8) virtual (cyberbullying) (BERGER, 2007; BRASIL, 2015). Quanto ao tipo de agressão estes podem ser divididos em bullying direto (agressões facilmente identificadas), e bullying indireto ou relacional (que envolvem agressões de difícil identificação) (SANTOS et al, 2015).

O bullying físico diz respeito a atos que envolvem socos, chutes, pontapés, empurrões, bem como roubo de lanche ou material. Já o bullying do tipo verbal abarca condutas em que o sujeito ofende com palavrões ou atribui apelidos vergonhosos ou humilhantes. Este tipo de bullying é mais comum do que o tipo físico. O bullying social afeta a relação social e a sociabilidade da vítima com seus colegas. Acontece quando um indivíduo ignora a tentativa de aproximação de um outro indivíduo sucessivamente. Este tipo é prevalente e pode ser bastante prejudicial, sobretudo, na adolescência, uma vez que os adolescentes neste período aperfeiçoam suas habilidades sociais (BERGER, 2007; MORAIS BANDEIRA; HUTZ, 2012).

O bullying psicológico pode ser caracterizado como o comportamento de perseguir, amedrontar, aterrorizar, manipular, intimidar, dominar e chantagear, provocando na vítima danos emocionais e desequilibrando a saúde mental. O bullying moral, por exemplo, é qualificado como sendo o conjunto de atos em que o um indivíduo calunia e difunde fofocas e rumores sobre aspectos da vida íntima de uma pessoa. O cyberbullying, tipo eletrônico do bullying, ocorre quando os ataques são feitos através de meios eletrônicas (BERGER, 2007; MORAIS BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Os envolvidos no bullying escolar exercem distintos papéis, sendo eles: o de autor/agressor, aquele que comete os atos agressivos intencionalmente contra determinado (s) colega (s); o de vítima, que é repetitivamente agredido e apresenta dificuldade para se defender; o de vítima/agressor, que sofre o bullying, mas também dispense agressões a outro

(s) aluno (s); e o espectador (testemunha), que assiste passivamente ao bullying e não denuncia (BANDEIRA; HUTZ, 2012). Sobre isto, Santos et al (2015) apud Swearer, et. al (2011), destacam que um mesmo estudante pode transitar entre tais papéis em momentos distintos.

Para Fante e Pedra (2008) os atores do Bullying utilizam habilidades físicas e psicoemocionais com a finalidade de provocar e causar medo e perturbar os indefesos. No geral, segundo estes estudiosos, os atores do bullying são pessoas arrogantes, que utilizam o bullying como estratégia de autopromoção. Estes indivíduos corriqueiramente se envolvem em conflitos e desentendimentos e são sujeitos que possuem grande capacidade de liderança e persuasão, usadas para submeter às vítimas simbolicamente ao seu controle. No entanto, apresentam baixo rendimento escolar, dificuldade de adaptação as regras escolares e sociais, déficit de aprendizagem e desinteresse pelos estudos.

Quanto ao perfil das vítimas, geralmente são pessoas passivas, submissas ou contidas, que apresentam características como: a) introversão, reserva, timidez e insegurança; b) ansiedade e baixa autoestima; c) depressão d) tem poucos amigos e normalmente apresentam um menor porte físico (OLWEUS, 2004).

Os expectadores constituem o grupo de indivíduos que presenciam e que estão relacionados ao cenário e ao comportamento do bullying. Estes não são agressores, nem vítimas, no entanto, sofrem as suas consequências de maneira indireta, por presenciarem as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas. Sendo expostos a estas situações, os mesmos se utilizam de estratégias de defesa, como: apresentar comportamentos de repúdio, incentivo ou fingir se divertir (SILVA, 2008).

O Bullying vem sendo amplamente disseminado nas instituições escolares, causando problemas psicológicos de ordem diversa, tais como: estresse, depressão, baixa-autoestima, baixo rendimento escolar (SILVA, 2010; FREIRE; AIRES, 2012), doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves (SILVA, 2010).

Silva (2008) destaca que o medo persistente bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, além disso, compromete as funções de raciocínio-lógico, a abstração, causa perda do interesse por si mesmo e pelo aprendizado, compromete a auto-percepção, concentração, autoestima e a capacidade de interiorização. Enquanto reações ao estresse persistem sensações corporais tais como: sudorese e dor de cabeça. Causa ainda, sensação de sufocação, cólicas, náuseas, vômitos, diarreia, ideias de vingança e facilita o desenvolvimento da ideação suicida.

O bullying também acarreta consequências psicológicas, como grave prejuízo na aprendizagem escolar e ao desenvolvimento da inteligência da vítima. Compromete a socialização (dificuldades de relacionamento), tanto na infância, quanto na vida adulta, repercutindo também no contexto profissional das vítimas, como também causa danos aos agressores (FANTE E PEDRA, 2008), além de outras desordens psiquiátricas que podem culminar no suicídio (FREIRE; AIRES, 2012).

As testemunhas, por sua vez, estão sujeitas aos mesmos problemas causados nas vítimas, podendo também desenvolver padrões de comportamento semelhantes aos dos agressores, pois se percebem como vulneráveis às situações sociais, reproduzem o mesmo comportamento, no intuito de se defender (FREIRE; AIRES, 2012).

Deste modo, o bullying é um tipo de violência frequente e cada vez mais próximo da nossa realidade. Posto isto, verifica-se a necessidade de maior exploração, conhecimento, acerca do fenômeno, assim como a criação de estratégias para seu conhecimento, sua erradicação e sua prevenção.

Ao se colocar o bullying em evidência, como um problema existente nas escolas, emerge a necessidade de sua superação. Agentes escolares e a comunidade em geral passam a cobrar providências das autoridades políticas, do sistema educacional e dos profissionais inseridos no espaço da escolarização formal, dentre eles o psicólogo escolar.

4 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AO BULLYING.

A atuação do psicólogo escolar foi historicamente pautada em um modelo eminentemente clínico, centrado na identificação de indivíduos com distúrbios de aprendizagem, problemas de conduta e de personalidade (MARINHO-ARAÚJO & ALMEIDA, 2010). Contudo, com o decorrer dos anos, a maneira do psicólogo escolar desempenhar suas funções ganha novos rumos e passa a compreender a importância de se enfatizar e considerar a influência dos fenômenos sociais no processo de ensino-aprendizagem (MALUF, 2011). Assim sendo, a atuação torna-se sistêmica, com atenção tanto na intervenção quanto na prevenção, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, humano e social de toda a comunidade escolar (CASSINS, 2007).

As práticas individualizantes e descontextualizadas no domínio da Psicologia Escolar e Educacional são questionadas a partir da década de 1980, tais questionamentos almejam novas orientações teóricas e metodológicas neste campo da psicologia. O modelo anterior não priorizava a contextualização e gerava a fragmentação do indivíduo, além disso, promovia a

naturalização dos fenômenos humanos como resultado da negação de seu caráter fundamentalmente histórico. Ademais, desconsiderava a influência das desigualdades sociais na dinâmica escolar e no processo ensino aprendizagem e centrava a sua prática na preocupação com a construção de teorias e técnicas dirigidas principalmente à adaptação social dos sujeitos à escola (MEIRA, 2012).

Por sua vez, o modelo “emergente” de atuação da psicologia escolar, que se opõe ao modelo anterior, remete à dimensão psicossocial e abrange: diagnóstico, análise e intervenção em nível institucional, planejamento e operacionalização de estratégias promotoras da otimização do processo educativo; contribuição para a coesão da equipe pedagógica e na formação técnica; coordenação de oficinas direcionadas ao desenvolvimento integral dos alunos e caracterização do alunado com o propósito de subsidiar o ensino personalizado; realização de estudos diversos com o intuito de aperfeiçoar o processo educativo e facilitar à implementação das políticas públicas (VEBBER, 2013).

A proposta de uma intervenção na perspectiva crítica da Psicologia Escolar, dentre outras necessidades, deve partir de um olhar ético e crítico sobre o universo escolar, construído com base na análise e compreensão da dinâmica escolar e nos processos inerentes a esta. Torna-se primordial compreender, na prática, como a lógica de funcionamento da sociedade afeta o comportamento, as relações interpessoais e o cotidiano educacional como um todo.

Portanto, a atuação do psicólogo escolar/educacional demanda a competência de análise e apreensão dos múltiplos aspectos que caracterizam a escola e os indivíduos nela envolvidos. Deste modo, torna-se essencial que se considerem os sujeitos que dela fazem parte e sua inserção no contexto mais amplo da organização social. A partir do princípio que coloca a escola como uma instituição que reflete uma organização social maior (FREIRE E AIRES, 2012).

No tocante a um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, como no caso do bullying, o psicólogo escolar pode auxiliar a instituição a desenvolver espaços e relações mais saudáveis. Entretanto, é de suma importância que este profissional se integre ao ambiente da escola, a equipe escolar, participando diretamente do seu cotidiano, para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade (FREIRE E AIRES, 2012).

Sendo a violência um fenômeno social, mutável e histórico (ABRAMOWAY, 2005), esta pode ocorrer de diferentes maneiras, e relacionam-se diretamente ao contexto social, cultural e econômico, bem como com as características dos sujeitos que estão envolvidos e com as relações estabelecidas entre eles. O bullying, um dos tipos de violência que se

manifesta no contexto escolar, possui características específicas, conforme foram destacadas no tópico anterior, e deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos e as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade (FREIRE E AIRES, 2012).

Sobre a multicausalidade do mesmo, Martinez (2013) destaca que diversas questões se constituem como fatores de risco para a prevalência do Bullying, desde as relacionadas aos fatores culturais até as de ordem familiares e escolares. As questões culturais envolvem: cultura à violência e ao uso da força, pensamentos homofóbicos, neonazistas, racistas ou misóginos. Em relação às de ordem sociais, estão: violência estrutural, preconceitos, valores (não morais) socialmente aceitos, como o status social, a individualidade, o culto ao corpo. No que diz respeito aos fatores familiares, incluem: modelos de educação autoritária, permissiva ou negligente, formas agressivas, falta de diálogo, valores e vínculos estabelecidos. Quanto às causas escolares, encontra-se: tolerância às agressões, valores cultivados, relações de cooperação ou de competição, relações baseadas no respeito mútuo ou unilateral, vínculos de apego, falta de sistemas de apoio e de canais de comunicação, tipos de normas existentes e a forma como são construídas, tipo de relação estabelecida com as famílias e os demais membros da comunidade educativa (MARTINEZ, 2013).

Além de tais fatores, o funcionamento do grupo, o tipo de dinâmica e de relações que se criam entre os pares têm sido apontado por investigadores como tendo grande relevância para a compreensão dos motivos pelos quais o bullying acontece e se estabelece entre os estudantes (PEETS, 2010).

Diante da multicausalidade do bullying, apontados pelos autores acima citados, bem como suas repercussões individuais e coletivas, na trajetória acadêmica e na dinâmica social da escola, a forma de atuação crítica em Psicologia escolar mostra-se possivelmente um caminho eficaz na forma de abordar e combater o referido problema.

Logo, é necessário investigar e considerar os fatores que levam os discentes a agirem de forma agressiva. Também é necessário, interpretar este tipo de violência escolar de modo a compreender os problemas interpessoais de sociabilidade e macrossociais nestes espaços, partindo da análise das relações existentes entre os indivíduos que estão inseridos nestes espaços (CHIORLIN, 2007).

Para isso, é essencial a presença do psicólogo escolar na instituição escolar, pois o mesmo poderá contribuir para o reconhecimento de comportamentos e atitudes que dificultam as relações interpessoais e entram uma sociabilidade saudável, promotora de conflitos e que

provocam o aparecimento de atos de violência e agressividade entre os alunos (FREIRE E AIRES, 2012).

Inserido neste espaço e com liberdade e responsabilidade para exercer o seu papel de modo crítico e sistêmico, o psicólogo escolar será capaz de avaliar, analisar, refletir e gerar ponderações a respeito das interações sociais e dos conflitos viventes na dinâmica escolar. Desse modo, fará uso de estratégias de intervenção e prevenção, direcionadas para o desenvolvimento de competências e habilidades de todos os agentes educativos envolvidos no contexto escolar (FREIRE E AIRES, 2012).

Logo, a inclusão do profissional de Psicologia na escola é primordial não só para estimular o desenvolvimento cognitivo, mas também promover um desenvolvimento emocional e pessoal dos estudantes e da equipe pedagógica, empreendendo ações preventivas com foco na promoção da cidadania, estimulando a solidariedade, a generosidade, a tolerância e o respeito às diferenças (FREIRA E AIRES, 2012).

Guzzo (2011) ainda ressalta que o psicólogo escolar deve ter atuação direta no desenvolvimento de fatores resilientes que possam contribuir para o enfrentamento de ocorrências adversas. Nessa perspectiva, este profissional deve atuar na mediação de conhecimentos, valores, normas e atitudes positivas, dando suporte a equipe pedagógica e facilitando os alunos a lidarem com suas emoções, oportunizando espaços para a expressão de afeto e contribuindo para a reflexão e melhoria das relações interpessoais na escola (FREIRE E AIRES, 2012).

Uma atuação do psicólogo escolar frente ao bullying baseada no modelo tradicional, focada somente na dimensão individual dos envolvidos e “do problema”, que desconsidera sua multicausalidade, possivelmente pode contribuir para a sua permanência no espaço escolar onde ocorre. Esta forma de tratamento do bullying torna-se ineficiente, pois é focada na remediação e baseado no modelo de atuação clínico.

Portanto, no que concerne à escola, seus profissionais devem estar capacitados a identificar, intervir e prevenir o bullying. Neste contexto, a figura dos gestores escolares – diretores, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais e psicólogos escolares – torna-se fundamental, cabendo a eles preparar todos os demais funcionários da escola a identificar, intervir e prevenir o bullying de forma eficiente (LOURENÇO & PEREIRA, 2011; MASCARENHAS, 2006).

Após as considerações teóricas até aqui realizadas, são apresentadas na sessão seguinte o recorte de duas ações, dentre as que foram desenvolvidas no projeto de extensão e que oferecem subsídios para reflexão sobre o objeto de estudo deste artigo.

5 AÇÕES INTERVENTIVAS SOBRE O BULLYING.

5.1 Repensando o Bullying – Recorte Intervenção (01)

Para que houvesse um enfrentamento eficiente ao *bullying* as intervenções foram construídas sobre os pressupostos da psicologia escolar crítica. Deste modo, as ações do projeto abarcaram a utilização de diferentes estratégias de ação. Estas possibilitaram ao grupo de extensionistas estruturar um espaço de escuta grupal, de diálogo, de reflexão e de ressignificação de concepções, papéis e posturas sobre o bullying.

Menciona-se aqui, como exemplo, uma ação realizada em uma turma do 4º ano, que foi intitulada de “Repensando o Bullying”, e que teve como objetivo identificar as concepções sobre o bullying e oferecer espaço de reflexão e ressignificação sobre tal fenômeno. Esta foi realizada no dia 23 de setembro de 2016 e teve duração de 60 minutos.

Deste modo, inicialmente, ao chegarem à sala de vídeo, local onde a ação foi realizada, a equipe do projeto preparou os equipamentos que seriam utilizados (notebook, televisão, etc.) e organizou o ambiente colocando as cadeiras (disponíveis na sala) em forma de círculo.

Em seguida, os extensionistas foram buscar os alunos da referida turma, que estavam, juntamente com a professora, esperando na sala de aula. Ao chegarem lá, cumprimentaram a professora e se apresentaram aos alunos como integrantes do projeto de extensão e estudantes de psicologia da UEPB, dizendo-lhes que estavam ali para fazer algumas atividades com eles sobre um tema muito importante que iria ser descoberto, de modo divertido, através do jogo da forca. As crianças demonstraram bastante interesse e alegria e foi lhes dito que aquele momento seria ainda melhor se eles cooperassem e participassem da atividade, respeitando a hora de falar e também o momento de ouvir. Depois disso, o grupo os acompanhou até a sala de vídeo.

Quando os alunos estavam acomodados e atentos ao grupo extensionista, foi pedido que cada um se apresentasse, falando o nome e a idade. Observou-se que havia 12 alunos ao total, sendo sete meninas e cinco meninos, com faixa etária entre 9 e 11 anos. Após as apresentações, com o intuito de iniciar a intervenção de forma lúdica e despertar o interesse de todos, realizou-se o jogo da forca. Foi pedido para cada aluno dizer uma letra, até que a frase “todos contra o bullying” fosse descoberta.

Logo, foi dito aos alunos que aquele momento seria para conversar a respeito do bullying e, em seguida, perguntou-lhes o que era o bullying. A maioria respondeu que era quando uma pessoa apelidava, xingava, ofendia de alguma forma outra pessoa. Alguns

falaram que o fenômeno era crime e começaram a compartilhar experiências diversas, que envolviam colegas e também familiares.

Nesse momento de exposição de suas concepções, os alunos deram exemplos de situações vivenciadas com o bullying (se já sofriam ou viram alguém sofrer) e muitos começaram a apontar algum (uns) colega (s), denunciando-o (os) de praticar bullying. Relataram comportamentos, tais como: tapas, chutes, bater sem motivo, puxar cabelo, empurrões, atirar bolinha de papel, apelidar, exclusão do jogo ou da brincadeira, chamar de macaco, dentre outros. Destacaram que tais situações aconteciam de forma repetitiva e intencional.

Assim, várias crianças expressaram que sofriam bullying por parte de determinado colega. Os extensionistas ouviram atentamente, mas, para evitar conflito entre as crianças, pediram à turma que não denunciasses ninguém, pois aquele momento seria para refletir sobre o papel de cada um diante do bullying, bem como sobre e os malefícios desta problemática e juntos pensarem formas de não mais praticá-lo.

Os estudantes também disseram que a professora já havia falado sobre o bullying e feito algumas atividades a respeito. Deste modo, percebeu-se que a turma tinha alguma informação acerca do fenômeno, no entanto, a intervenção do projeto iria auxiliá-los a transformar a informação em conhecimento, de modo a promover a sensibilização e a conscientização. Verificou-se, nos relatos, que as meninas se colocavam mais como vítimas e os meninos eram mais apontados como possíveis agressores.

Nesse instante da intervenção, houve muito tumulto na turma, alguns alunos falavam ao mesmo tempo, outros riam e um aluno em específico não prestava atenção em nada que o grupo de extensão dizia. Ficava conversando com o colega ao lado, soltando piada, rindo, brincando e visivelmente fazia questão de não dar atenção ao grupo. Com isso, uma das extensionistas perguntou se ele queria falar algo sobre o tema, o mesmo respondeu que não. Os seus colegas, visivelmente incomodados, diziam que ele “era assim mesmo” e ficavam rindo, com isso, outro extensionista, com o objetivo de fazê-los refletir sobre o que estava acontecendo, questionou-os se havia algo positivo em rir e fazer brincadeiras impróprias com os colegas, e todos responderam que não. Logo, foi-lhes dito que todos os frutos das ações feitas na escola seriam colhidos no futuro, por isso, era importante ser participativo, prestar atenção para aprender mais e refletir sobre a forma como costumam fazer brincadeiras com o colega sem causar conflitos.

Apesar de ter havido conversas paralelas, sobretudo nesse momento da intervenção, os alunos participaram intensamente do debate, trazendo diversos exemplos de situações

vivenciadas principalmente na escola e na sala de aula a respeito do bullying. O caso que mais chamou a atenção do grupo de extensão foi o de uma menina que era chamada pela maior parte dos colegas de “baleia assassina”, e que, por isso, acabou saindo da escola. Disseram que essa garota, antes de sair, começou a “xingar” a mãe dos colegas que a agrediam verbalmente, e as crianças pareceram revoltadas com isso. Então, questionou-se a turma se eles sabiam o motivo da colega ter insultado a mãe dos colegas que a apelidavam e alguns responderam que era porque eles faziam bullying com ela. Ou seja, a maioria dos alunos estavam conscientes de suas práticas e das consequências delas.

Aproveitando-se desse exemplo, a equipe extensionista buscou refletir e reforçar sobre os efeitos negativos que o bullying traz para a vítima e para todos os envolvidos, sobretudo, possibilitou-os analisar que talvez a menina “xingava” a mãe dos colegas que a maltratavam, por ter ficado muito magoada por ser apelidada. Assim, no decorrer da intervenção, foi falado sobre o quanto o bullying produz sentimentos e emoções ruins nas pessoas, tais como: tristeza, angústia, raiva e medo. Em alguns casos pode também levar a pessoa a tomar providências drásticas para se proteger, como se isolar dos colegas, ficar sem ânimo para estudar, para fazer as atividades e até mesmo querer sair da escola, como aconteceu com a garota que eles comentaram. Percebeu-se que os alunos começaram a se envolver cada vez mais com a intervenção e participavam do debate complementando com vários exemplos de bullying na escola e, sobretudo, na sala de aula.

Diante da apatia e indiferença dos alunos a respeito da consequência que o bullying trouxe para a colega que saiu da escola, o grupo extensionista promoveu um momento de reflexão sobre a importância de se respeitar as diferenças. Para isso, fez-se um questionamento sobre se as crianças gostavam de assistir a um filme em preto e branco e a resposta quase unânime foi que não. Então, foi pedido que escolhessem qual filme era mais legal, o preto ou o colorido. Novamente, quase unanimemente, os alunos responderam que era o colorido. Foi-lhes perguntado o porquê, e responderam que era devido às diferentes cores. A partir das respostas dos próprios alunos, o grupo os provocou a uma reflexão sobre o quanto as cores são diferentes umas das outras e, apesar disso, todas possuem beleza que se complementa entre si. Assim sendo, foi falado que o mesmo ocorre com as pessoas, todas também são diferentes, mas cada uma tem sua beleza própria e um jeito de ser que precisa ser respeitado por todos.

A discussão sobre o tema levou um grande período de tempo, pois as crianças foram extremamente participativas e não paravam de contar histórias, relatar vivências e compartilhar pontos de vista. Com o objetivo de ajudar as crianças a identificarem as diversas

formas do fenômeno ocorrer, bem como saberem as consequências de cada uma, o grupo de extensão passou então para a etapa seguinte da intervenção que consistiu na explicação sobre os principais tipos de bullying. Para tanto, foi exibido um vídeo em que um garoto praticava bullying de três maneiras diferentes (fisicamente, verbalmente e psicologicamente) com colegas da escola. O vídeo foi pausado em algumas cenas para realizar um debate sobre o que estava acontecendo com os personagens. Importante relatar todas as vezes que o personagem que interpretava a vítima de Bullying sofria agressão, ficava tudo roxo ao seu redor e isso chamou a atenção das crianças. Logo, foi explicado pra elas que a cor roxa era para demonstrar como o personagem estava se sentindo. Mais uma vez, os alunos foram bastante participativos.

Na última etapa da intervenção, foi exibido um vídeo intitulado “o que fazer se estou sofrendo bullying?” O material abordava, de maneira didática e divertida, assuntos relacionados ao bullying, como seu conceito, suas consequências e o que a vítima deveria fazer para se proteger, o que ajudou a relembrar e fixar o que já havia sido discutido anteriormente. Neste momento, as crianças afirmaram que já tinham procurado a professora e a diretora em situações em que foram xingados ou agredidos, no entanto, os seus relatos pareciam transparecer que estes foram indiferentes ao pedido de ajuda dos alunos. Após a exibição, fez-se uma reflexão geral sobre o bullying, com o agradecimento pela participação de todos e com a entrega de bombons.

5.2 “Repensando o Bullying – Recorte Intervenção (02)”

Dentre as várias intervenções realizadas durante o projeto de extensão, a que será aqui relatada, ocorreu no ano de 2015 e também foi com uma turma do 4º ano da mesma escola. O número de participantes contemplados nesta atividade foi de 17 alunos, sendo oito meninos e nove meninas, e, destes, apenas um menino aparentava ter idade superior aos demais alunos.

Após apresentar-se, o grupo PsicoEducar realizou o jogo da forca para a formação da frase: “Todos contra o bullying”, com o objetivo de fazer os alunos descobrirem qual era a temática que seria discutida naquele momento. Após os estudantes terem descoberto o tema, houve uma sondagem de suas concepções sobre o fenômeno bullying. Nesse momento, alguns alunos começaram a denunciar colegas como praticantes do bullying. O grupo PsicoEducar pediu que não denunciasses os colegas, mas refletissem sobre como auxiliar quem sofria o bullying ou como não permitir que o fenômeno continuasse presente na turma. De modo

geral, os discentes demonstraram conhecer o fenômeno, citando exemplos de apelidos e agressões.

Na sequência da intervenção, foi exibido o vídeo “o que fazer se estou sofrendo bullying?” Em seguida, foi feita uma breve exposição acerca do conceito de bullying e de seus tipos, bem como sobre o perfil da vítima e do agressor, sempre buscando fazer uma ponte com o conteúdo da animação e promover reflexões a partir da sensibilização dos alunos. Após isso, os alunos foram divididos em três grupos e cada equipe ficou responsável por fazer uma atividade lúdica relacionada ao bullying. Importa dizer que cada grupo contou com o auxílio de um membro da equipe extensionista.

O primeiro grupo foi formado por seis alunos e ficou com a atividade do diagrama. Nessa atividade havia símbolos que deveriam ser substituídos por letras para completar os espaços que estavam faltando para formar frases que relatavam o que fazer para ajudar a combater o bullying. Assim, foi orientado que cada aluno escrevesse uma letra para formar a palavra, ressaltando que, após completarem cada parte do diagrama, todos deveriam ler a frase formada e seguir para a próxima sentença. Percebeu-se que esses estudantes não tiveram dificuldades em realizar tal tarefa e demonstraram saber trabalhar em grupo.

O segundo grupo, composto por 6 alunos, ficou com a atividade das palavras cruzadas, cujo objetivo era completar as lacunas com os nomes dos tipos de bullying (sexual, psicológico, físico, verbal e cyberbullying). As palavras referentes aos tipos de Bullying ficavam, como forma de auxílio, abaixo da cruzadinha, contendo exemplos de cada um. Após uma breve discussão e reflexão sobre as formas do fenômeno, uma das integrantes do projeto explicou a tarefa aos membros do grupo e pediu a cada aluno que ao achar alguma palavra que se encaixasse na cruzadinha, escrevesse e completasse a lacuna. Inicialmente, houve tumulto porque todos queriam fazer simultaneamente, então, foi-lhes dito que deveriam escrever um de cada vez, até que todos participassem e terminassem a atividade.

Por sua vez, o terceiro grupo ficou com a atividade de caça-palavras, que tinha o objetivo de fazer os discentes refletirem sobre as consequências do bullying na vida da vítima. Primeiramente, foi solicitado que cada aluno lesse individualmente e silenciosamente o texto de introdução para identificação das palavras que deveriam ser encontradas no caça-palavras. Sendo um grupo de cinco crianças, cada uma procurou uma palavra, e ao final, juntos procuraram a última palavra que faltava. Verificou-se que um dos alunos se isolou do grupo. Tendo sido convidado várias vezes a se aproximar, progressivamente, ele se juntou mais ao grupo, porém, procurou estabelecer, ainda assim, uma distância. O referido aluno fez a leitura individual, mas se recusou a procurar as palavras junto ao grupo, o fez, apenas, quando o

cartão foi levado para si. Já o grupo, por sua vez, não hesitou em se aproximar dele quando o mesmo estava em posse do cartão.

Ao final, todos os grupos apresentaram suas atividades às outras equipes e houve uma reflexão acerca das temáticas. Após isso, foi pedido aos alunos que fizessem uma avaliação da ação interventiva, e alguns falaram que tinha gostado da atividade e que aprenderam que não devem apelidar o colega. Nesse momento, um membro da equipe extensionista ouviu três alunos pedindo desculpas a um colega (que era frequentemente apelidado por quase toda a turma), bem como apertando a mão dele e se comprometendo a não apelidar mais. Ressalta-se, que o extensionista não interviu para não atrapalhar um ato espontâneo. Por fim, foi entregue uma lembrancinha a cada um juntamente com uma frase que agradecia a participação.

Conclui-se que a turma do quarto ano foi participativa e atenciosa e que o objetivo proposto para a intervenção foi alcançado, visto que algumas concepções dos alunos acerca do bullying foram identificadas, bem como permitiu que muitos refletissem tanto sobre a omissão ao fenômeno quanto à prática do bullying, já que um dos alunos pediu desculpas ao outro e prometeu não repetir tal prática.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de não ser possível identificar com clareza a prevalência do bullying nas turmas que participaram do projeto, há indícios de que esses alunos estavam expostos a possíveis situações de bullying. Posto que foi unânime nas turmas o relato de sujeitos que afirmaram terem sido vítimas e também terem testemunhado colegas sendo agredidos de diferentes formas por outros colegas, fatos que aconteciam de forma repetitiva e intencional. Para Pereira (2002) para o indivíduo ser considerado vítima é necessário que o sujeito tenha sofrido de três a seis ataques no mínimo, em um mesmo período do ano, além de serem repetitivos e intencionais.

Quanto ao fato, de alguns discentes também afirmarem ter presenciado casos de bullying, Calbo (2009) postula que os espectadores assistem passivamente às situações de bullying, se calando devido ao medo de denunciar e ser a próxima vítima, o que colabora para a manutenção dos comportamentos agressivos.

Conforme resultados de algumas pesquisas realizadas sobre o assunto, tais como as de Francisco e Libório (2009) e Lemos (2007) conclui-se que um número bastante significativo

de alunos está envolvido em casos de bullying, seja de forma direta ou indireta. Ao se refletir sobre as intervenções do projeto de extensão aqui compartilhadas, pode-se dizer que tal ocorrência foi verificada durante a execução do projeto, pois foram relatados grande quantidade de exemplos descritos pelos educandos, sobretudo, de casos praticados de forma direta. Dentre os relatos sobre os mais variados tipos de agressão sistemática, os casos de bullying verbal, seguidos do bullying físico se sobressaíram como a forma mais recorrente, em ambos os sexos, o que converge com dados da literatura (FREIRE; AIRES, 2012, BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Além disso, revelou-se que tanto meninos quanto meninas experienciam níveis similares de vitimização. Todavia, crianças do sexo masculino foram mais frequentemente apontadas pelos seus colegas como agressores do que as do sexo feminino que se colocaram na situação de vítimas, fato esse verificado nos estudos de Lisboa (2005).

A partir dessa experiência, a sala de aula foi apontada como o local de maior ocorrência de bullying, dados verificados também no estudo de Toro et al (2010). Posto isto, hipoteticamente, pelo fato destes trazerem exemplos de casos de bullying principalmente na sala de aula, constatou-se que os professores também estariam presentes durante a ocorrência do fenômeno.

Outro fato que deve ser evidenciado, diz respeito ao papel do professor e também da gestão diante do bullying. Nessa escola, possivelmente havia uma atitude de silenciamento quanto às denúncias que os alunos afirmavam fazer quando diante de situações de bullying. Esta temática era trabalhada pela escola apenas com ações informativas. Sendo assim, os alunos souberam identificar superficialmente, no entanto, associavam com outros tipos de violência que ocorre entre pares.

Ainda em relação aos relatos dos alunos sobre o insucesso nas tentativas de comunicar à professora ou à diretora a ocorrência de casos de bullying, cabe um questionamento: será que os educadores não interviram na situação porque não atribuíram a devida importância à denúncia dos alunos ou porque não sabem lidar com o fenômeno? Mesmo diante de um caso grave de bullying acontecido na escola, o bullying possivelmente pode ser algo menosprezado naquele espaço por razões diversas, inclusive pela falta de conhecimento e/ou de estratégias para lidar com o mesmo.

Baseando-se em Sousa, Pereira e Lourenço (2011) e Ristum et al. (2010), pode-se afirmar que posicionamentos como o descrito acima revelam uma possível tendência a banalização e naturalização do bullying no ambiente escolar, bem como na sociedade em geral, o que dificulta o enfrentamento e a superação desse tipo de violência escolar entre

pares, pois o mesmo é associado a brincadeiras comuns de mal gosto entre as crianças, sendo também compreendido como algo próprio da relações entre os pares escolares.

A escola quando nega ou não se posiciona diante de casos graves, a exemplo do caso destacado pelos alunos sobre a aluna que saiu da escola, fato que ficou marcado na memória da turma, corrobora para que casos como este voltem a ocorrer, e isto seria, pois, considerada uma violência da escola para com seu alunado. Assim, especificamente no caso do bullying, como afirma Oliboni (2008), mesmo que de forma indireta, a escola poderia estar contribuindo para a manutenção do mesmo entre os alunos.

A falta de conhecimento por parte dos educadores para lidar com a violência no contexto escolar pode leva-los muitas vezes a atuarem de forma mais coercitiva e punitiva ao invés de buscar o diálogo. Ademais, posturas de negação ou não atribuição do devido tratamento ao problema, expõem a necessidade de um trabalho de intervenção também com professores e toda equipe escolar. Em relação ao caso em questão, a equipe do projeto buscou, mesmo que de forma indireta, alcançar os docentes, porém, por mais que fosse esclarecido aos professores que eles poderiam ficar presentes na sala durante as intervenções e participar da ação proposta, os mesmos optaram por se ausentar da sala. Um estudo de Carreira (2005), mostra que professores e gestores não demonstram conhecimento sobre ações eficazes de combate ao bullying e sobre ações de apoio as vítimas e agressores e que isto dificulta um trabalho eficaz de combate e prevenção ao problema.

A experiência nos revela a presença do bullying também no ensino fundamental. Sobre isto, em relação á escolaridade, pesquisas revelam que o bullying se manifesta principalmente nas relações entre os pares nos anos escolares iniciais (ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008), apresentando uma incidência com o decorrer do aumento da faixa etária das turmas (SOUSA, PEREIRA; LOURENÇO, 2011).

Como ressaltam Pereira et al. (2011) torna-se importante que os programas de intervenção preventiva incluam não apenas os alunos diretamente envolvidos, mas o conjunto dos diversos protagonistas institucionais, de forma a promover novas dinâmicas no clima escolar. Os conhecimentos demonstrados pelos alunos sobre o bullying, possivelmente, foram resultados de ações focalizadas, pela escola, somente neste segmento.

No entanto, destacamos a necessidade de um trabalho sistematizado com toda os agentes da escola. Trabalho este, que objetive não somente informatizar, mais possibilitar espaços de desenvolvimento de atitudes de respeito ao outro, de respeito e reconhecimento a diversidade, da empatia grupal, da solidariedade, do respeito mútuo, basilares para relações interpessoais saudáveis.

Portanto, constatou-se que o bullying escolar é um problema sério e atinge uma parcela significativa dos alunos. Assim, a provável prevalência dessa prática na escola onde o projeto foi realizado, demonstra a necessidade urgente da ampliação de ações educativas voltadas para a prevenção, conscientização e enfrentamento da intimidação sistemática naquele contexto.

Mesmo sabendo da relevância que campanhas, palestras ou assembleias com professores e pais, por exemplo, têm em relação à disseminação de informação e da sensibilização dos atores escolares frente ao bullying, estes são momentos disparadores de um trabalho que deve ser sistematizado na escola. A experiência revela que ações pontuais, somente com alunos, podem não dar conta de solucionar este problema que é multicausal e envolve não somente vítima e agressor.

Reconhecer a existência, a prevalência e a gravidade deste problema é crucial para o fomento de ações de prevenção e combate ao bullying. Posto isto, dada à ocorrência do bullying, sejam em escolas públicas ou privadas, sejam em turmas do ensino fundamental ou médio, pondera-se que é imprescindível desenvolver ações sobre a prevenção desse fenômeno.

Concordamos com Olwes (1998) quando o mesmo destaca que a prevenção ao bullying deve ser uma ação frequente no decorrer do trabalho da escola. Além de ser incluída no Projeto Político Pedagógico, há a necessidade de se criar espaços e tempos formais para esse trabalho junto com professores, alunos e com as famílias (FRIK, 2016).

Um dos desafios que se coloca para os agentes educacionais é a identificação do bullying, pois essas práticas tendem a ser aceitas como meras brincadeiras por pais e professores - crianças que se dão apelidos, fazem gozações e chacotas umas com as outras. Uma formação ou capacitação para toda a equipe escolar é fundamental. Esta pode contribuir para que casos de bullying sejam identificados não somente por professores, no contexto da sala de aula, mais também em outros espaços, como corredores, pátio, refeitório e por outros agentes educacionais.

É de suma importância garantir que os professores disponham de uma formação consistente sobre o tema, de modo que conheçam as competências necessárias para prevenir os conflitos e enfrentá-los quando ocorrerem. Mais especificamente, devem dispor desta formação os integrantes da equipe diretiva dos centros escolares e o pessoal de serviços de inspeção educativa cuja intervenção na resolução de conflitos tem uma particular importância (FRIK, 2016).

Na experiência de extensão em questão, não foi possível realizar ações com professores e equipe pedagógica, mesmo tendo sido feitas diversas tentativas por parte do grupo extensionista. Todavia, se reconhece que a falta de um trabalho junto aos professores pode implicar em limitações nas repercussões das ações com o aluno. O alunado pode ter consciência da importância de buscar ajuda, mas pode se conter, tendo em vista o não retorno por parte da instituição escolar.

Além de um trabalho sistematizado com os alunos, é preciso desenvolver ações que facilitem a informação e fomentem a conscientização e sensibilização dos demais membros da comunidade educativa de modo contínuo e planejado, ou seja, um trabalho sistematizado com todos os sujeitos do quadro humano da escola.

Conforme é consentido na literatura que o bullying é um fenômeno de grupo (SALMIVALLI, 1999), as iniciativas de prevenção ao mesmo não devem ser focalizadas somente nos indivíduos implicados diretamente na ação, mas sim, no grupo como um todo. Esta ação deve focar vítimas, agressores, expectadores, professores, gestão, equipe de apoio e a família.

Olweus (1998) já enfatizava que as ações da escola contra o bullying não podem se transformar em espetáculo ou em atividades "febris" de curto prazo que são facilmente substituídas por outras também "febris". A delimitação de um espaço e tempo formal para o tratamento e combate ao bullying, é respaldado pela Lei nº 13.185/2015, criada com objetivo de prevenir e combater o bullying com o apoio da sociedade, por meio de campanhas de conscientização, de habilitação e formação para docentes, de orientação para as famílias para identificar o problema, de assistência psicológica, social e jurídica, bem como a disseminação de uma cultura de paz, respeito e tolerância (BRASIL, 2015).

Tendo em vista a importância de um trabalho sistematizado, é essencial a delimitação de espaços regulares para que esta temática possa ser trabalhada. Esta ação é legitimada pela lei anti-bullying, portanto, conhecer e cumprir a lei de combate ao bullying é algo a ser considerado e também necessário.

Entretanto, somente informar pode não ser suficiente no combate e prevenção do bullying, é preciso que a informação seja transformada em conhecimento capaz de gerar mudança de posturas. Neste sentido, conforme verificado durante a extensão, alguns alunos possuíam informações com relação ao bullying, porém, tais informações não garantia mudanças de comportamento na turma, pois não havia o conhecimento e a conscientização. Havia informações insuficientes sobre o fenômeno, no entanto, não havia um trabalho de sensibilização, por parte da escola, com relação a gravidade e as consequências do mesmo.

Dentre as estratégias que podem ser usadas nesta tarefa, FRIK(2006) destaca algumas mais específicas para informar, conscientizar e sensibilizar, tais como: orientações aos professores em horário de trabalho pedagógico; rodas de conversas; encontros com pais e alunos; inserir no currículo e nas aulas temas como o bullying; realização de campanhas anti-bullying; elaboração de materiais com alunos; promoção de sessões de debates, dentre outros (FRIK, 2006).

Martínez (2013) sugere a análise de casos hipotéticos ou reais (relacionados à turma ou que aconteceram na escola), utilizando reportagens, vídeos, filmes ou a literatura, recomenda também a construção de histórias sobre bullying, estratégias que possibilitam a troca/vivência de papéis e, conseqüentemente, contribuem para a tentativa de compreensão e reconhecimento de sentimentos e emoções do outro. Na experiência do grupo de extensão relatada neste artigo, estes recursos se mostraram eficientes, pois os participantes puderam se colocar tanto na situação de vítimas quanto na de agressores e puderam falar sobre a sua experiência com o tema.

Quando estes foram instigados a lembrarem de situações possíveis de bullying, foi quase unânime o interesse dos participantes em trazer experiências pessoais ou de conhecidos. Sobre isto, TOGNETTA (2003) diz que os sentimentos são tão importantes que precisam ser ditos, representados, seja pelo desenho, pela fala e/ou pela escrita. Tais situações, em que há necessidade de falar de sentimentos, podem oferecer às crianças oportunidades para pensarem sobre si, para resolverem algo que lhes tenha causado uma mágoa, um ressentimento, bem como para se conhecerem.

A reflexão sobre a problemática bullying, quando acontece em um clima de empatia, livre de moralismos ou juízos de valor, se configuram como importantes para que as crianças possam colocar-se no lugar dos personagens e pensar nas diversas possibilidades de resolução dos problemas apresentados. Ao mesmo tempo, ao estarem atentas aos seus estados de ânimo, podem exteriorizar sentimentos como de fato estes experienciam, rompendo com o medo e sem distorcê-los para não evidencia-los, ou seja, no sentido de autoproteção (TOGNETTA, 2003).

Ficou evidente no episódio percebido ao final de uma das experiências relatadas neste artigo (referente ao aluno que voluntariamente recorreu ao outro para pedir desculpas por sempre apelida-lo), que os recursos e estratégias anteriormente mencionados são salutares na sensibilização e conscientização do bullying. Comportamentos como o do aluno que pediu desculpas possivelmente acontecem após haver um posicionamento de autocrítica e autorreflexão por parte daquele que seria o sujeito agressor. No caso aqui relatado, aconteceu

após ele ouvir indiretamente da vítima, durante a intervenção, o quanto aquilo era desagradável, e também depois de ter sido informado e sensibilizado sobre as consequências do Bullying.

Não menos importante que a formação do docente e o trabalho com os alunos envolvidos direta e indiretamente, se mostram também importantes ações junto à família. É consenso na literatura que a família deve participar das ações escolares de prevenção ao bullying (FRIK, 2006). No entanto, assim como a escola, a família tem dificuldades para compreender o fenômeno e não sabe como intervir, na maioria das vezes. Olweus (1998), já sinalizava para a importância da organização de reuniões, que chamou de círculos de Pais, com o auxílio das associações de pais e de professores, nas quais fosse possível estudar sobre o tema e dar a conhecer as ações realizadas pela escola.

A literatura também evidencia a importância de cada escola criar um sistema que facilite a comunicação de situações de *bullying* e a busca por ajuda, considerando que muitas crianças (alvos e testemunhas de *bullying*) têm medo de falar e procurar ajuda ou não sabem como agir (MARTÍNEZ, 2013). O sentido da denúncia deve ser o da comunicação dos atos para a prestação de ajuda perante a situação e busca de uma solução da mesma, e não no sentido de identificar apenas para punir os autores das agressões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento das ações interventivas relatadas no presente artigo, percebeu-se a rejeição de pares, a falta de identificação com colegas da classe, o desrespeito e, possíveis casos de bullying. Desse modo, em cada encontro, procurou-se intervir nessas relações, lembrando sempre aos discentes sobre a importância da empatia nos relacionamentos interpessoais, do respeito às diferenças, da coesão, da valorização do outro e do clima emocional grupal saudável.

Mesmo tendo identificado uma mudança de postura de dois alunos com relação à temática, reconhecemos que a redução efetiva de manifestações de bullying só pode ocorrer através da continuidade e permanência de ações como estas nas escolas. Desta forma, conclui-se que propostas como as do projeto de extensão, cuja experiência foi aqui relatada, contribuem com as necessidades das escolas, pois auxiliam na redução de casos de violência escolar, já que as ações de bullying em muitos casos dão início a outras práticas violentas e

comportamentos agressivos e que a passividade da escola ou o não reconhecimento do problema pode ser um atenuante à reprodução cotidiana do mesmo.

A experiência de extensão universitária em questão permitiu a equipe analisar como as estratégias de atuação no contexto escolar, na perspectiva da Psicologia Escolar Educacional crítica, podem contribuir para ações mais integradas às necessidades da comunidade discente no tocante a problemática do bullying. Nessa experiência, não foi possível colocar em prática grande parte das possibilidades de intervenção que a Psicologia Escolar dispõe, devido às dificuldades diversas, dentre elas, a impossibilidade de realização de ações com os demais atores da escola.

No entanto, destaca-se a importância de um trabalho sistematizado com todos os agentes escolares que envolva a família e a comunidade para prevenção e combate ao bullying, tendo em vista que ele também está respaldado na lei anti-bullying.

No contexto da formação universitária, por meio da participação na extensão, foi possível se deparar com um certo distanciamento entre o conhecimento aprendido na academia com a realidade social ao qual estamos inseridos. Deste modo, a experiência permitiu aos extensionistas perceber que o tripé ensino, pesquisa e extensão é algo muito importante no processo de formação acadêmica. As atividades do projeto possibilitaram aplicar os conhecimentos da Psicologia educacional crítica, adquiridos durante as aulas, supervisões, estudos dirigidos, além de instigar o grupo à produção científica com reflexões sobre o tema em questão. A extensão, portanto, foi um fator de suma importância num processo de ampliação da experiência educacional dos extensionistas, pois proporcionou a construção de reflexão a respeito da relação entre teoria e prática, da importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no processo formativo universitário e a respeito da relação universidade e sociedade.

Mediante a gravidade da problemática em evidência, ressalta-se à necessidade urgente da ampliação de ações educativas voltadas para a prevenção, conscientização e enfrentamento desse tipo de intimidação sistemática praticada por meio do bullying. Encerra-se este trabalho com a certeza de que esse fenômeno está presente nas relações entre alunos e, portanto, a sua prevenção é parte intrínseca da educação escolar. Assim, é imprescindível tanto a formação de professores em relação a esse tema, como a estruturação e organização da escola para enfrentá-lo dentro de um projeto maior que almeje uma convivência respeitosa entre todos que compõem a comunidade escolar.

PROMOTION OF SPACES CONSCIENTIZATION AND AWARENESS OF BULLYING
IN FUNDAMENTAL EDUCATION: An account of experience.

ABSTRACT

This article aims to share the experience and learning acquired in a project of University Extension in School / Educational Psychology, linked to Pro-Rectorate of Extension of the State University of Paraíba - PROEX-UEPB. The extension actions, whose focus was on Bullying, were carried out at a Public School in the City of Campina Grande-PB and had as target audience the students who attended elementary school. During the validity of this project, we sought to promote reflections, re (significations) and the construction of knowledge about bullying through the use of different interventions and methodologies, such as: play games; musical clips; videos; panel assembly; conversation wheels; storytelling and storytelling; figures and techniques of group dynamics. Therefore, from the analysis of the reports and the field diaries elaborated during the project, we sought to make reflections about Bullying and its multiple aspects in the school universe served in the project, based on extensionist actions. At the end, we emphasize the importance of carrying out a systematized work to raise awareness about the consequences of bullying with all school agents, which also involves the family and the community, since they are supported by the anti-bullying law..

Keywords: School Bullying, School Psychology, School Violence, Psychologist's performance.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAMOWAY, Mirian (org) **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO. Observatório de violência nas escolas. Ministério da Educação. P. 445. 2005

ALMEIDA, Kathanne Lopes, SILVA Anamaria Cavalcante e, CAMPOS, Jocileide Sales (). **Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura**. *Revista de Pediatria*, 9(1), 8-16. 2008

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. **Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional**. Campinas, SP: Alínea. 2010.

ANDRADE, Géssica Castellani. **Bullying e sua prevenção: concepções e práticas de psicólogos escolares**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de fora. 2014.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas.** *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, Dez. 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia. GONÇALVES, Maria das Graças Marchina. FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio-Histórica.** São Paulo: Editora Cortez, 2001.

Berger, K. S. **Update on bullying at school: Science forgotten?** *Developmental Review*, 'p. 27, 90-126, 2007.

BONETI, Lindomar Wessler; PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola.** *Revista Diálogo Educacional*, v.9, n. 26, p. 161-179, Jan/abril 2009.

BRASIL. Lei nº 13.185 de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying).** Senado Federal, Brasília, 2015.

CALBO, A. S et al. **Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares.** In: *Contextos Clínicos*. 2 (2): 73-80, julho-dezembro 2009.

CALBO, A. S. et al. **Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares.** *Contextos Clínic*, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p.73-80, dez. 2009.

CARVALHOSA, S. **O bullying nas escolas portuguesas.** SEMINÁRIO DA AAA FPCE-UL, v. 1, 2007.

CHARLOT, Bernard. **Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** *Sociologias*, Porto Alegre, n.8, p.432-443, jul./dez. 2002.

CHIORLIN, Marina de Oliveira. *A influência do bullying no processo de ensino-aprendizagem.* São Paulo: Ufscar. 2007.

DE MORAES BANDEIRA, Cláudia; HUTZ, Claudio Simon. **Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros.** *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 16, n. 1, 2012.

FANTE, Cleo e PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar: perguntas e respostas.** Artmed, 2008.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying.** *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 55-60, Jun 2012.

FRICK, Loriane Trombini. **Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas : as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista. f 272. 2016

GUZZO, Raquel Souza Lobo. Escola amordaçada: **Compromisso do psicólogo com este contexto.** In: A. Martínez (Org.) *Psicologia escolar e compromisso social* Campinas: Alínea, 2005. p. 17-29.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: Desafios do novo milênio para a psicologia escolar.** In A. Del Prette & Z. Del Prette (Eds.), *Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida* (pp. 25-42). Campinas: Alínea. 2001

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção.** Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, f146 p. 2005.

LOPES NETO, Aramis. A. **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes.** J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, p.164-172, nov. 2005.

MALTA, D. C. et al. **Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar.** Rev. bras. epidemiol., São Paulo, v. 17, n. 1, p. 92-105, 2014.

MALUF, Maria Regina. **O psicólogo escolar e a educação: uma prática em questão.** In.: Del Prette, Zilda. Aparecida.(Org.). *Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida.* Campinas, SP: Alínea. 2011.

MARTÍNEZ, José Maria Avilés. **Bullying: guia para educadores.** Campinas: Mercado de Letras. 2013.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. **A crítica da psicologia e a tarefa da crítica na psicologia.** Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 12, n. 23, p. 13-26, jan. 2012.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. **Construindo uma concepção crítica de psicologia escolar: Contribuições da pedagogia histórico-crítica e da psicologia sócio-histórica.** Marisa Eugênia Melillo Meira e Mitsuko Aparecida Makino Antunes (Orgs.). *Psicologia Escolar: teorias críticas.* São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 13-77, 2003.

NASCIUTTI, Fabiana Marques Barbosa; SILVA, Silvia Maria Cintra da. **O processo de ensinar/aprender uma perspectiva crítica em psicologia escolar e educacional.** *Psicol. estud.*, Maringá , v. 19, n. 1, p. 25-37, Mar. 2014.

OLIBONI, Samara Pereira. **O bullying como violência velada : a percepção e a ação dos professores.** Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG. f109. 2008.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: Prevalence estimation, a useful evaluation design, and a new national initiative in Norway.** *Association for Child Psychology and Psychiatry Occasional Papers*, nº 23, p. 5-17, 2004.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEREIRA, Beatriz Oliveira, COSTA, Paulo Jorge, MELIM, Fernando Marcelo, & FARENZENA, Rosana Coronetti. (2011). **Bullying escolar: programas de intervenção preventiva.** In: Maria Lourdes. Gisi & Romilda. Teodora Ens (Orgs.). *Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores.* Curitiba: Ed. Unijuí.

RISTUM, Maria Milena. **Bullying escolar**. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, ISBN 978-85-7541-330-2. P 95-119 2010.

SALMIVALLI, C. **Participant role approach to school bullying: Implications for intervention**, Journal of Adolescence, v. 22, n. 4, p. 453-459, 1999.

SAMPAIO, J. M. C. et al. **Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos**. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 24, n. 2, p.344-352, jun. 2015.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violências e Conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

SANTOS, Maria Michelanna; KIENEN, Nádia. **Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p.161-178, 2014.

SANTOS, Mariana Michelena; KIENEN, Nádia. Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 161-178, abr. 2014 .

SANTOS, Mariana Michelena; PERKOSKI, Izadora Ribeiro; KIENEN, Nádia. **Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental**. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 23, n. 4, p. 1017-1033, dez. 2015.

SANTOS, Mariana Michelena; PERKOSKI, Izadora Ribeiro; KIENEN, Nádia. **Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental**. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 23, n. 4, p. 1017-1033, dez. 2015 .

SARAIVA, José. Leite. **Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores**. Brasília Médica, Brasília, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007.

SICARI, Aline Amaral et al. **Psicologia e educação popular: uma estratégia de promoção da saúde**. Revista de Educação Popular, v. 13, n. 1, p. 135-146, 2014.

SILVA, Celeste Moura Lins. **Bullying e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) / Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SOUSA, Rosária, PEREIRA, Beatriz. Oliveira, LOURENÇO, Lélío. Moura. **O bullying, locais e representações dos recreios**. In: LOURENÇO, Lélío Moutra & PEREIRA, Beatriz (Orgs.). Bullying: conhecer e intervir. Juiz de Fora: Ed. UFJF. 2011.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino,; VINHA, Pileggi Vinha T. P. Até quando? *Bullying* na escola que prega a inclusão social. **Educação. Revista do Centro de Educação**. v. 35, p. 449-463, 2010.

TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Anamaria Silva; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. **Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social**. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010.

TRAUTMANN M, ALBERTO. **Maltrato entre pares o "bullying": Una visión actual.** Rev. chil. pediatr., Santiago , v. 79, n. 1, p. 13-20, feb. 2008 .

VEBBER, Fernanda Cañete. **Psicologia escolar: relato de uma experiência no ensino fundamental.** Psicologia: teoria e prática, 15(1), 194-207. 2013